



Futebol como questão social: etnografia junto a coletivos LGBTQIA+ durante a pandemia

Wagner Xavier Camargo¹  

Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Uma etnografia com coletivos de pessoas LGBTQIA+ que praticavam futebol *society* se converteu em uma 'etnografia digital' a partir da declaração da OMS sobre a pandemia do coronavírus, no início de 2020. A pesquisa antropológica então em curso, que ocorria em competições esportivas *in loco* desde 2017 acabou se tornando uma peregrinação pelo meio digital, que acompanhava perfis individuais e de clubes esportivos no intuito de entender como tais agentes lidavam com o futebol em tempos pandêmicos. A proposta deste texto é compreender os lugares possíveis de produção e aparecimento destes futebóis (as redes sociais), no período de quase dois anos, e discutir como se redimensionaram nestes 'não-lugares'. Além disso, este texto dialoga criticamente com a ideia de 'futebol como questão social', inaugurada no contexto brasileiro neste período pandêmico por eles como algo novidadeiro e inédito.

Palavras-chave

Futebóis. Coletivos LGBTQIA+. Pandemia. Etnografia. Antropologia.

1. Cientista social que pesquisa expressões dissidentes de gênero/sexualidade nas práticas esportivas de pessoas LGBTQIA+ e com deficiência. Tem Doutorado em Antropologia Social (UFSCar-2024) e em Estudos de Gênero (UFSC-2012). Atualmente é pesquisador colaborador do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), da UFSCar.

Football as a social issue: ethnography with LGBTQIA+ groups during the pandemic

Abstract: An ethnography with LGBTQIA+ collectives who played five-a-side football was transformed into a ‘digital ethnography’ following the WHO’s declaration of the coronavirus pandemic in early 2020. The ongoing anthropological research, which had been taking place at in-person sports competitions since 2017, became a journey through the digital realm, following individual profiles and sports club accounts in an effort to understand how these agents dealt with football during pandemic times. The aim of this text is to understand the possible spaces of production and emergence of these ‘futebóis’ (in the social networks) over a period of almost two years and to discuss how they were reshaped in these ‘non-places’. Additionally, this text critically engages with the idea of ‘football as a social issue’, introduced in the Brazilian context during this pandemic period by them as something novel and unprecedented.

Keywords: Futebóis. LGBTQI+ people. Pandemic. Ethnography. Anthropology.

Fútbol como cuestión social: etnografía con colectivos LGBTQIA+ durante la pandemia

Resumen: Una etnografía con colectivos de personas LGBTQIA+ que practicaban fútbol 5 se convirtió en una ‘etnografía digital’ a partir de la declaración de la OMS sobre la pandemia del coronavirus, a principios de 2020. La investigación antropológica en curso, que se llevaba a cabo en competiciones deportivas in situ desde 2017, terminó convirtiéndose en una peregrinación por el medio digital, siguiendo perfiles individuales y de clubes deportivos con el fin de entender cómo estos agentes lidiaban con el fútbol en tiempos de pandemia. La propuesta de este texto es comprender los posibles espacios de producción y aparición de estos ‘futebóis’ (las redes sociales) durante un período de casi dos años, y discutir cómo se redimensionaron en estos ‘no lugares’. Además, este texto dialoga críticamente con la idea de ‘fútbol como cuestión social’, inaugurada en el contexto brasileño durante este período pandémico por ellos como algo novedoso e inédito.

Palabras clave: Futboles. Colectivos LGBTQIA+. Pandemia. Etnografía. Antropología.

Introdução

“LIII

A grande praga da cidade marítima,
não cessará até que a morte seja vingada.
Do sangue justo, tomado por maldição sem crime.
Da grande dama, nem ocultada, nem ultrajada.”

Nostradamus (2020, p. 40, tradução livre)²

Minha virada de ano entre 2019 e 2020 foi marcada por encontros entre amigos e confraternizações, com amigos e familiares. Na celebração de Réveillon, na casa de uma prima astróloga, conheci uma de suas amigas esotéricas, que dizia ter o dom da previsão do futuro. A cada gole de bebida e afirmação proferida, ríamos muitos minutos. Das muitas coisas premonitórias, fantasiosas ou irrealis que me lembro de ter

2. No original: “La gran peste de ciudad marítima/ No cesará hasta que a muerte sea vengada / Del justo sangre tomada por maldita sin crimen / De la gran dama por ocultación ni ultrajada”.

ouvido naquela noite de 31 de dezembro, esta profecia de Nostradamus sobre “a grande praga” estava entre elas.

Como antropólogo e estudioso da ciência que produzo, estou sempre aberto a explicações mágicas e sobrenaturais sobre o mundo e os seres humanos (Laburthe-Tolra; Warnier, 1997). Em outras palavras, gosto de ouvir versões não científicas de pessoas comuns, que em situação de pesquisa são consideradas “informantes” (antigamente “nativos”) por antropólogos/as. Mesmo ali, naquele momento íntimo entre amigos e família, dava vazão à autoilusão de que capturaria a visão autêntica daquele grupo sobre as premonições – uma presunção minha, pois como observa Vagner Silva (2000), tudo não passa de elaborações prévias, dado que temos pessoas que se observam e interpretam umas às outras, não havendo veredictos terminais além do que é jogado ao léu no fluxo dos diálogos interculturais.

No tocante às previsões de Nostradamus, eu já tinha ouvido falar que elas eram tão genéricas quanto inacreditáveis, ao ponto de que poderiam ser aplicadas a vários eventos e situações históricas, não necessariamente de uma ou outra época datada. Para mim, àquilo fazia parte da prerrogativa de ouvir outras pessoas e identificar outros (e possíveis) novos modos de explicar o mundo, a vida. Entretanto, acreditar que Nostradamus poderia prever lá por volta de 1550 um evento com exatidão em 2020 talvez fosse um absurdo ultrajante.

O fato é que em janeiro e fevereiro de 2020 proliferaram notícias sobre a “doença de Wuhan” (Agamben *et al.*, 2020), na China, um problema social (e de saúde) que não se resolvia em terras asiáticas e começava a assustar órgãos de controle epidemiológico no Ocidente. Mas como nos ensinou Edward Said (2007), a ideia de um Oriente exótico, atrasado e perigoso sempre pairou no imaginário ocidental, ao longo dos séculos, de modo a justificar formas de poder e dominação sobre sociedades orientais. Isto serviu para justificar o colonialismo e o imperialismo, permitindo ao Ocidente exercer controle político, econômico e cultural do chamado Oriente. Parecia, então, que a pandemia que se avizinhava não seria algo diferente.

De minha parte, desenvolvia uma pesquisa etnográfica em campeonatos futebolísticos sobre o que se considerava o “futebol gay” à época (Camargo, 2021).³ Esta pesquisa se desenrolava em eventos da *Champions LiGay*, uma *brand* criada pela LIGAY Nacional de Futebol, que promovia um circuito de competições esportivas baseadas no futebol *society* (ou futebol sete) praticado por homens autodeclarados *homo* e *bissexuais*.

3. Importante mencionar que Vanrochris Vieira (2023) defende que ao final de 2019 já se tinha um entendimento de que o futebol praticado por tais grupos era considerado “LGBT” e não mais “gay”. Contudo, sempre desconfiei que os termos não eram assim tão estanques e em recente pesquisa constatei que nunca houve um entendimento homogêneo sobre àquele futebol e nem o “futebol gay” tinha desaparecido (Camargo, 2024).

Ao ouvir a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) que vivíamos uma pandemia no fatídico 11 de março daquele ano, lembrei-me das palavras hilárias da “mística do Réveillon”. E elas, então, não me pareceram tão engraçadas como no fim de ano:

Boa tarde! Nas últimas duas semanas, o número de casos de COVID-19 fora da China aumentou 13 vezes, e o número de países afetados triplicou. Atualmente, existem mais de 118.000 casos em 114 países, e 4.291 pessoas perderam suas vidas. Milhares estão lutando pela vida em hospitais. Nos próximos dias e semanas, esperamos ver o número de casos, mortes e países afetados aumentar ainda mais. (...) Portanto, fizemos a avaliação de que o COVID-19 pode ser caracterizado como uma Pandemia. (...) Deixe-me resumir em quatro áreas-chave [a gravidade disso]: primeiro, preparar e estar pronto. Segundo, detectar, proteger e tratar. Terceiro, reduzir a transmissão. Quarto, inovar e aprender. (...) Obrigado!⁴

Àquele 11 de março de 2020 era uma quinta-feira como outra qualquer. O anúncio da OMS foi velozmente distribuído por governos, cadeias de televisão, canais de notícias na internet e mesmo ratificado por outras entidades de extensão planetária, como a Organização das Nações Unidas (ONU). A pandemia do coronavírus afetará, indelevelmente, a vida de todas as pessoas em todo o mundo. Eu ainda lidava com as últimas informações do campo etnográfico da 5ª. *Champions LiGay*, do fim de 2019, quando essa situação se instaurou. De uma hora para outra, o mundo ficou em suspensão e o futebol e as práticas esportivas, vilões de uma possível transmissão do vírus, foram paralisados – não sem protestos, obviamente.

Com o distanciamento social imposto como medida pelos governos e situações de *lockdown* (fechamento total ou parcial de locais comerciais, administrativos e outros), minha pesquisa de campo começou a migrar para as plataformas digitais, como as redes sociais Facebook e Instagram, e aplicativo de troca de mensagens (Whatsapp) – nesse último principalmente com quem eu já tinha contato. Com a suspensão das atividades comuns de treinos e eventos esportivo-competitivos, eu ficava observando como as pessoas e os clubes de futebol lidariam com isso.

4. No original: “Good afternoon! In the past two weeks, the number of cases of COVID-19 outside China has increased 13-fold, and the number of affected countries has tripled. There are now more than 118,000 cases in 114 countries, and 4,291 people have lost their lives. Thousands more are fighting for their lives in hospitals. In the days and weeks ahead, we expect to see the number of cases, the number of deaths, and the number of affected countries climb even higher. (...) We have therefore made the assessment that COVID-19 can be characterized as a pandemic. (...) Let me summarize it in four key areas. First, prepare and be ready. Second, detect, protect and treat. Third, reduce transmission. Fourth, innovate and learn. (...) Thank You!” Trecho recortado do discurso original de Tedros Adhanon Ghebreyesus, chefe da Organização Mundial de Saúde (OMS), distribuído globalmente em canais de comunicação. Disponível em <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 20 mar. 2020.

As *lives*⁵, as trocas de mensagens de textos, os áudios e as fotos compartilhadas passaram a ser os meios de comunicação com os jogadores interlocutores.⁶ Como Luiza dos Anjos e José Silva Jr. (2018) comentam acerca das redes criadas pelas comunidades de jogadores *gays* no meio digital, mesmo antes da pandemia:

As redes de sociabilidade criadas em torno de um mesmo objetivo aparecem como articuladoras fundamentais para divulgação e difusão da ideia de se criar times de futebol para homens *gays*. Os equipamentos e processos de informação, cada vez mais globalizados, oferecem os recursos necessários para suprimir as distâncias geográficas e promover a comunicação e interação entre os sujeitos conectados em rede, de maneira instantânea (Anjos; Silva Jr., 2018, p. 223).

Essa forma rápida de comunicação e interação foi potencializada pela pandemia e, inclusive, logo as plataformas de divulgação de notícias, eventos, ações e *status* dos times começam a migrar do *Facebook*, que segundo um entrevistado era “muito chato e estático”, para o Instagram, mais instigador e dinâmico, de fácil consulta (a rolagem mais rápida) e de maior abrangência.

Relegada ao universo digital, no entanto, minha pesquisa não migrou totalmente para uma análise de conteúdo da web e das mídias sociais, mas teve que resolver um impasse criado pela impossibilidade do presencial. Hoje, olhando em perspectiva, percebo que foi um caminho para driblar a falta de interação e contato com pessoas e clubes esportivos que eu acompanhava na realidade dos eventos. Portanto, um *hibridismo* etnográfico, se me permitem o termo: se a pesquisa em modo presencial oferece elementos fundamentais para a interpretação antropológica das práticas esportivas e seus significados, o digital proporcionou a chance de acompanhar os sujeitos de novos modos, em outras dimensões e, particularmente, em outros tempos (ou velocidades).

A pesquisa antropológica então começou a acompanhar perfis de indivíduos (em redes sociais como *insta*, *face* e apps de relacionamento) e também de clubes esportivos no intuito de entender como tais agentes lidavam com o futebol em tempos pandêmicos. À luz de uma produção que começa a descaracterizar o “virtual” para pensar o “digital”, tentei empreender um modo de fazer etnografia quase detetivesca, buscando detalhes e cruzando informações num tipo de *etnografia cross-media* (Parreiras; Pavesi,

5. *Lives* são transmissões simultâneas, geralmente realizadas pelo Instagram, que atestam a fluidez da passagem entre os estados on/off-line da vida e criam uma interlocução sujeitos interessados em um mesmo tema.

6. A partir da pandemia conseguirei mais seis contatos, perfazendo 8 jogadores que colaborarão até o final do estudo. Alguns deles aparecerão neste texto assinalados assim: J3, J5, J2 etc.

2024), para dar continuidade à pesquisa de doutorado.⁷ Portanto, a etnografia com coletivos de pessoas LGBTQIA+ que praticavam futebol *society* (o fut7) se converteria em uma “etnografia digital” (Lins; Parreira; Freitas, 2020), a partir da declaração da OMS sobre a pandemia do coronavírus.

A proposta deste texto é dialogar com os lugares possíveis de produção e aparecimento destes “múltiplos futebolis”⁸, no período de quase dois anos, e discutir como se ressignificaram nestes “não-lugares” (Augé, 2012) nas redes sociais. Além disso, este texto coloca em perspectiva a ideia de “futebol como questão social”, requerida por tais jogadores durante o período pandêmico e classificada como algo novidadeiro e inédito.

1 Do real ao digital: estratégias dos futebolis de coletivos LGBTQIA+

Até o término do campo etnográfico realizado no evento em Belo Horizonte em fins de 2019, na 5ª *Champions LiGay*, meus interlocutores eram informantes causais, encontrados nas canchas de fut7 em vários momentos e que concordavam em conversar sobre a emoção que os movia, ou seja, suas relações de amor e paixão pelos futebolis que jogavam. Desde 2017 crescia o “orgulho” de mostrar ao mundo que “gays também podiam jogar futebol” e com qualidade técnica. Na verdade, como identificado em algumas pesquisas, as participações em eventos e a entrenabilidade deixavam as equipes com níveis técnico-táticos cada vez mais elevados (Jesus, 2019; Camargo, 2021).

Dos interlocutores casuais, apenas dois futebolistas permaneceram no escrete de colaboradores da etnografia. Foi no período pandêmico que vieram outros seis jogadores e/ou dirigentes, e os quais passei a tratar como informantes privilegiados. A vinculação entre pesquisados e pesquisador foi possivelmente maior porque os canais que nos uniam, naquele momento, também uniam a todas as pessoas: o isolamento social provocava uma proliferação incontável de conexões digitais (Lins; Parreira; Freitas, 2020). Minha agenda de Whatsapp foi de meros 30 nomes para mais de 200 outros, isso em poucos mais de dois meses, comprovando o que mais tarde será problematizado como “plataformização da vida” a partir de um comunicador instantâneo ordinário (Parreiras, 2024).

7. Segundo as autoras, a *etnografia cross-media* seria um subtipo que se definiria por “atravessa[r] contextos e ambientes, podendo ser multissituada ou multilocalizada, criando locais de campos em diferentes plataformas e realidades locais” (Parreiras; Pavesi, 2024, p. 7).

8. Há uma longa discussão sobre estes “múltiplos futebolis”: eles são diversos, representam coletivos marginalizados das práticas futebolísticas convencionais e são signatários do futebol hegemônico por inúmeras razões. Para aprofundar esta discussão, consultar: Toledo e Camargo (2018), Camargo (2020), Camargo (2021).

Foi durante a pandemia que algumas/alguns antropólogos/os começaram a estudar com afincado o campo das tecnologias digitais na interface de suas pesquisas de campo. Na verdade, a nomeação “digital” ganhou propriedade nos últimos tempos (Lins; Parreira; Freitas, 2020), particularmente a partir de uma intensificação do uso da internet como artefato cultural (Hine, 2000).

Embora se afirme que a pesquisa em contextos digitais tenha certa proximidade com a investigação de caráter presencial (Miller; Slater, 2004), devido a certa porosidade da vida contemporânea entre as dimensões *on* e *offline*, é inevitável constatar que “a pandemia da Covid-19 deixou claro o quanto as tecnologias, representadas por seus múltiplos dispositivos e pelas redes de conexão, são fundamentais para as relações que estabelecemos uns com os outros e com o mundo” (Lins; Parreira; Freitas, 2020, p. 2).

Mesmo dentro de casa e em isolamento meus dias eram cheios de encontros, conversas e *meetings*, tanto com os sujeitos colaboradores da pesquisa, quanto com outros grupos acadêmicos de várias partes do país, numa profusão de propostas que iam de palestras remotas a congressos científicos. Certamente, isso não aconteceu apenas comigo. Além das atividades que migraram do presencial para o digital, os espaços da internet (igualmente nas redes sociais) se tornaram um campo fértil de engajamento para a ação.

E, por sua vez, não demorou muito para serem lançados livros sobre métodos de pesquisas online, inclusive sobre esportes (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020). Como afirmam estes autores, “em pouco tempo, a internet revolucionou o que podemos pesquisar, quais métodos podemos empregar e as comunidades que podemos alcançar, além de ampliar as possibilidades de com quem podemos acessar e colaborar” (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020, p. 3).

Para pensar as relações etnográficas no digital tentei refletir não apenas sobre as fotos e imagens postadas, recentes ou antigas (como os *Throwback Thursday* ou *#tbt*), e sim também nos longos áudios gravados em formas de depoimentos e nas mensagens cifradas ou de *status* (do Whatsapp), além dos *reels*, *stories* e *lives* (do Instagram). Não era apenas entender o contexto do texto na forma de comunicação (Rial, 2004), compreendida como um modo contemporâneo de expressão da subjetividade, capturada sim por antropólogo/as (como nas antigas pesquisas “em frente à televisão”), porém também envolvendo sua subjetividade na medida em que exige dele/a uma resposta imediata.

Ganhou maior concretude, inclusive, a proposta da netnografia, um tipo de etnografia que investiga interações sociais em espaços online (Kozinets, 2014), algo que até a pandemia se encontrava pouco desenvolvido. Parece que a netnografia aperfeiçoou-se para englobar formas de investigação etnográfica na internet:

É uma rede de redes que os netnógrafos investigam criticamente. O termo netnografia engloba métodos virtuais (pesquisas online, entrevistas online), métodos digitais (análise de hiperlinks, análise de conteúdo da web, pesquisa em mídias sociais) e nossa concepção de ciberespaço (o armazenamento, modificação e troca de dados). Sem a «rede», nada do mencionado acima seria possível, ou mesmo existiria. Netnografia é, portanto, a forma abreviada de abranger os conteúdos mencionados acima (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020, p. 97-98).⁹

Por sua vez, o futebol real como expressão cultural de todo um país teimava em seguir uma normalidade que inexistia durante a pandemia. Em minhas conversas com jogadores dos coletivos LGBTQIA+, treinos e jogos de fut7 e futsal só pararam por um breve período – que, nas dimensões continentais brasileiras, não foi o mesmo em todos os lugares. Mais um discurso de muitas equipes, e talvez para justificar algumas ações extra quadra, àquele futebol então se tornava uma “questão social”.

Ora, desde Gilberto Freyre (1938) e seu “football mulato” que, de uma forma ou outra, o futebol é questão social: sua tentativa de explicar um estilo de jogo dos brasileiros afrodescendentes na Copa do Mundo de 1938 é um exemplo disso. Por sua vez, Mário Rodrigues Filho (1964), em sua obra magistral, vai problematizar o pensamento de Freyre para pensar o processo de democratização das relações raciais, dentro da sociedade, no qual o futebol exerce um papel relevante - afinal, a ascensão do corpo negro no futebol daqueles anos é, legitimamente, uma questão social. E apesar de não figurar com *status* privilegiado de investigação nos anos subsequentes, o futebol vai se tornar um objeto empírico no mundo acadêmico nos anos 1970-80 a partir de questões sociais relevantes (Guedes, 1977; DaMatta *et al.*, 1982).

Mas o que aquelas equipes postulavam era uma mudança de foco: de um futebol feito dentro do “cercado do time”, que se preocupava em acomodar questões de identidades de gênero e orientações sexuais frente às fobias sociais, para um futebol que se voltava à sociedade atingida pelas consequências nefastas de uma pandemia. E, neste sentido, este futebol vai aparecer preocupado com questões sociais mais imediatas, como a fome e a pobreza advindas da pandemia. No próximo subtópico registrei estratégias usadas por tais equipes para encampar suas preocupações.

Deste modo, a rede Instagram, que havia se consolidado como a forma prioritária de publicação de fotos e vídeos de treinos e competições, passará a compor também este mosaico de ações voltadas ao social. As equipes e jogadores acabam se utilizando cada vez mais deste recurso e do Whatsapp como comunicador instantâneo ordinário (Parreiras, 2024).

9. No original: “It is network of networks that netnographers critically investigate. the term netnography encompasses virtual methods (online surveys, online interviews), digital methods (hyperlink analysis, web content analysis, social media research), and our conception of cyberspace (the storage, modification, and exchange of data). Without the ‘net’, none of the above would be possible, or even exist. Netnography is thus the shorthand way of encompassing the above contenders”.

Destaco ainda que as publicações coletadas e apresentadas adiante não seguem um padrão ou tendência hegemônica durante o período da pandemia (2020-2021), justamente porque as equipes de futebol e mesmo os jogadores acabam se apropriando, vivenciando e se relacionando com esses dispositivos tecnológicos de forma bastante distinta ao longo deste.

2 Achados etnográficos e *insights* antropológicos

Nesse subtópico apresento alguns achados etnográficos relacionados às publicações dos coletivos LGBTQIA+ de futebol durante a pandemia e adianto alguns *insights* etnográficos. A ideia é mostrar como as equipes foram reagindo ao período pandêmico, por meio de suas publicações na rede Instagram, no sentido de manterem uma coesão grupal mesmo com assuntos extracampo – o que convencionaram chamar de “questões sociais”.

Como a pandemia atingiu de forma acachapante e de diversas maneiras a todo mundo, não foi diferente com tais grupos. Acompanhando suas redes durante algumas semanas, percebi tendências díspares e espraiadas ao longo dos meses. Alguns clubes talvez permaneceram na onda da “gripezinha”, que parte negacionista da população se encontrava; outros postaram comunicados bastante responsáveis no tocante ao momento vivido:

Figura 1 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (20/03/2020)



Figura 2 – Postagem do Instagram da equipe Barbies (19/03/2020)



Figura 3 – Postagem do Instagram da equipe Bharbixas (12/05/2020)



Figura 4 – Postagem do Instagram da equipe Beescats (06/06/2020)



Os comunicados anteriores mostram, com diferentes modos e com linguagem visual bastante distinta, informações importantes quanto à pandemia, direcionada ao seu público interessado. Como observei mais pontualmente, a equipe carioca dos Bees-Cats apenas reagiu à pandemia e ao número de mortos (e no Rio de Janeiro se morria aos montes) em junho de 2020, bem depois da primeira grande onda de contaminação. O time Futeboys, de São Paulo, não postava nada muito explícito relacionado à pandemia, e sim fotos aleatórias e passadas (com os famosos #tbt). O Unicorns Brazil seguiu a tendência de postagens alegres, que evocavam a memória do grupo e demorou a se manifestar: seu primeiro *post* mais sério também foi em junho, com um vídeo compilado com depoimentos de vários membros, a fim de lançar a campanha Orgulho na Janela (#orgulhonajanela). Sua intenção talvez fosse mostrar que pessoas LGBTQIA+ estavam vivas e sentiam orgulho de si. A bandeira do arco-íris (ou outro objeto que lembrasse suas cores) deveria ser colocada na janela, do lado de fora da casa ou apartamento. Tal postagem atingiu perto de 11 mil visualizações.¹⁰

Além disso, era perceptível que algumas equipes não queriam imagens, mensagens, ou qualquer vinculação com a pandemia para não macular suas postagens e engajamentos. Esse era o proceder do Unicorns, mas também de outras, como o Bárbaros. Na época o Unicorns tinha o patrocínio da Adidas e engajamentos “positivos” do público eram eficientes para manterem o “clima up” (para cima). O Unicorns foi dos primeiros times a serem criados na concepção de mostrar o *futebol gay* como mercadoria, para um público diferenciado, que inclusive fala inglês. Suas postagens continham,

10. Fonte: Instagram Unicorns Brasil, dia 09 de junho de 2020.

por exemplo, *hashtags* como #gounicornos, #loveyourself, #playlikeanunicorn, #gaysports, #proud, #healthylifestyle, #gayrunners etc.

Figura 5 – Postagem do Instagram da equipe Unicorns (14/07/2020)



Outros clubes mais engajados na “causa social” (termo comum entre eles), como o Bulls F.C., começaram neste período a fazer campanhas de ações solidárias, como entrega de marmitas para pessoas de rua, macarronadas coletivas beneficentes, envio de cestas básicas e afins. Em alguma medida, tais ações começam a ser replicadas por outros grupos, como o Alcateia:

O que é legal do Bulls é esse trabalho social. Prestar atenção ao que está em volta de tudo isso que a gente chama de futebol LGBT. Há pessoas passando fora, sabe. Há gente que perdeu muita coisa com a pandemia. Há colegas que jogavam futebol que nem sei se jogarão mais... [reticências]. Uma loucura. De minha parte, tento fazer algo, porque ficar em casa assistindo vídeo no Youtube não é meu perfil. (Entrevista com Jogador 1, 18/07/2020).

Figura 6 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (02/07/2020)



Figura 7 – Postagem do Instagram da equipe Alcateia E.C. (28/04/2020)



A partir de uma onda comum de isolamento social, com o passar do tempo, houve um relaxamento nas medidas de proteção, muito em função tanto da oscilação dos números de mortes causados pela Covid-19, quanto da propagação de *fake news*, isto é, relatos e notícias falaciosas, errôneas e mal-intencionadas, que grassavam pelas redes sociais. Isso fez com que os clubes começassem a retornar aos dias de treinos: alguns abruptamente, outros mais com cautela. Os *posts* eram acompanhados dos famosos “textões”, isto é, longas explicações que tentam justificar as ações tomadas perante a coletividade:

Figura 8 – Postagem do Instagram da equipe Ximangos, retorno aos treinos (17/10/2020)

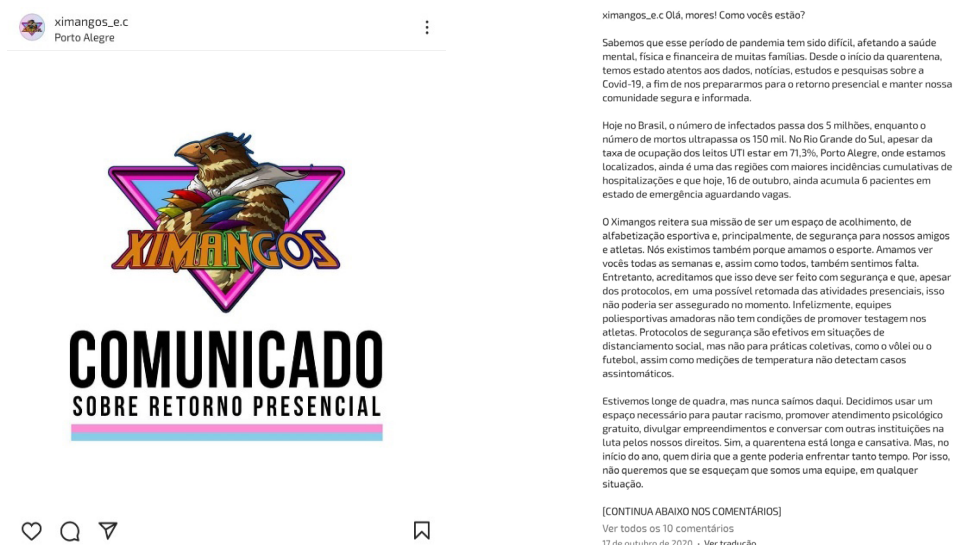


Figura 9 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C., retorno aos treinos (15/10/2020)



Um jogador paulista com quem tinha contato teve grandes problemas relacionados ao isolamento social durante a pandemia. Eu percebi que uma comunicação entre nós ficou mais esparsa, havia poucos *posts* em sua rede social. De fato, mais tarde ele me contaria que teve crise depressiva e que o isolamento mexeu com sua saúde mental, deixando-o apartado do convívio com sua equipe esportiva. Disse-me que com a pandemia “os problemas eles continuaram, até pioraram em relação ao meu peso” (sic).

Para tentar driblar essa situação, o clube propôs que ele realizasse algumas falas sobre sua paixão pelo futebol e saúde mental naqueles tempos. E, seguindo me explicou, deu certo:

E a gente decidiu fazer essa sequência de *lives* e convidar outros jogadores negros de outros times, justamente para a gente fazer essa conexão devido à pandemia, aproveitar a pandemia que todo mundo está parado e automaticamente também atualizar a página, movimentar a página. Quando eu fiz a primeira e a repercussão foi super boa, vários *feedbacks* positivos, foi assim, olha, eu não lembrava que eu conseguia fazer isso. E isso foi muito importante, inclusive no meu trabalho (...). Então, assim, não é só futebol! (Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023).

O clube BeesCats, do Rio de Janeiro, teve ideias bastante originais para driblar o tempo de isolamento e o não retorno presencial aos gramados. Uma delas foi o “Desafio dos Craques”, para escolher o melhor jogador daqueles tempos entre as equipes de futebol. A campanha começou no início de agosto de 2020 e se estendeu por três semanas,

nas quais os jogadores e seus clubes tinham liberdade para se inscrever. Depois de muita agitação nas mídias sociais, a votação *online* declarou Alexandre Campos, do Dendê Futebol Clube, de Salvador/BA, como o craque da vez:

Figura 10 – Postagem do Instagram da equipe BeesCats (30/07/2020)



No texto da postagem deste dia estava escrito assim:

Beesfãssss, estão preparaduxxx para um super Desafio?
Então, 3/8 (segunda-feira) começará nosso 1 Desafio dos Craques LGBTQIA+
Vai ser babado, SEM confusão e muita, mas muita GRITARIA.
Seu(sua) atleta querido(a), vai precisar muito do seu apoio. Como?
O DESAFIO é baseado nos voto[s] que VOCÊ dará no seu atleta, no seu CRAQUE.
Vamos deixar o bíceps de lado e malhar os DEDINHOSSS, meu Deus!
Confiram as MANAS participantes.
De antemão, já agradecemos a todos(as)!
Contamos com o apoio da @269chillipepper

Além deste desafio, logo no início de 2021, o mesmo clube teve a iniciativa de lançar uma competição *online* para eleger a melhor drag queen madrinha das equipes de futebol society. A proposta foi lançada ainda em janeiro e contou com participação massiva de seus seguidores. A primeira etapa dava a chance ao público de votar na chamada “favorita” nos *stories* do BeesCats:

Figura 11 – Postagem do Instagram da equipe BeesCats (01/02/2021)



Minhas conversas contínuas com jogadores e mesmo a assistência a algumas de suas *lives* eram momentos descontínuos que não formavam um todo. A pandemia, de igual forma, me atingiu de modo ímpar: sem circulação, sem idas à universidade, com pouca atenção para leituras (acadêmicas ou não), também tive momentos de prostração. Consegui reunir um bom agregado de dados e imagens, mas fui pensar sobre eles somente meses depois.

A proposta deste texto foi um primeiro momento analítico acerca da coleta nas redes destes times, agregados aos depoimentos e entrevistas que tinha dos jogadores. A partir disso penso que há três movimentos executados pelas equipes (engajamento/não engajamento, publicações compromissadas/aleatórias, reinterpretações sobre a pandemia) aos quais farei referência logo no início das considerações finais.

Considerações finais sobre uma etnografia digital

Entrevistador: Cara, vi que há fotos de vocês em quadra [*reticências*]. Deixa eu perguntar: vocês estão treinando? Já voltaram ao presencial?

Jogador 5: (...) olha, o que eu vou te dizer?

E: não sei, me diz você [*risos constrangidos*]

J5: Eu tô em isolamento social, mas sei que tá rolando treino, sabe como é a galera [*reticências*]. Os caras não se aguentam, querem jogar. Não sei se eles pensam na pandemia ou têm alguma preocupação em relação a isso ou a outros. O futebol sobe a cabeça, sabe como é? (...) E ninguém fala nem de Bolsonaro, nem de coronavírus. Tá osso (...)

(Entrevista com J5, 05/10/2020).

O período da pandemia foi um tempo de exceção para o mundo todo – possivelmente até para os negacionistas. Em minha vida e de meus interlocutores, os dois anos (2020 e 2021) trouxeram mudanças, ponderações e, sobretudo, inquietudes. Observei que os clubes desses múltiplos futebóis não seguiram um padrão e desenvolveram modos distintos de lidar com tudo o que acontecia. Assim como os sujeitos que deles participavam. Alguns mantiveram uma rotina “escondida” de treinos; outros pararam totalmente.

Eu estreitei laços com o Jogador 5 neste período, apesar de não nos conhecermos pessoalmente. As conversas eram bastante animadas e a gente se identificou de imediato. Ele tem interesses além do futebol, que passam por discussão sobre ciência, futuro do esporte, recordes e marcas de Jogos Olímpicos, curiosidades históricas e afins.

A partir do comunicado da OMS e da divulgação midiática em escala mundial sobre a pandemia do coronavírus, minhas incursões nas redes sociais desses clubes de futebol me fizeram supor *três movimentos* ou *tendências*, mais ou menos similares, seguidas por eles. Excetuando-se a importância nas redes sociais (ou impacto de abrangência) e número de seus seguidores (*followers*), tentei resumir tais movimentos segundo o quadro a seguir. Isso foi perceptível no conjunto de mais de 300 imagens que capturei, das quais postei algumas neste artigo.

Quadro 1 – tendências realizadas pelas equipes de futebol, a partir de suas postagens no Instagram

MOVIMENTOS		
1	2	3
Engajamentos sobre a pandemia ou não engajamento	Publicações compromissadas ou publicações aleatórias	Reinterpretações sobre pandemia ou publicação do nada

Num esforço de interpretação, vou esboçar um esquema adiante, tentando refletir na tríade que orientou as ações sociais destes grupos futeboleiros. Portanto, eles se inter-relacionaram com a realidade sociopolítica e epidemiológica vivida pelo Brasil naqueles meses fatídicos nas seguintes formas:

1) engajamentos sobre a pandemia ou não engajamento

Pelo meu acompanhamento, clubes como Bulls F.C., Beescats S.B., Ximangos, Alcateia, Barbies, Bravus, Diversus F.C., dentre outros, postaram cancelamentos de treinos e de eventos, além de mensagem atachada de “fiquem em casa”, algo que se tornou um mantra planetário. Vale ressaltar que não fizeram isso ao mesmo tempo: algumas equipes reagiram mais rápido do que outras e, possivelmente, algumas de modo mais incisivo do que outras.

Isso talvez tenha mostrado o reconhecimento de tais clubes em relação à importância do futebol para a vida dos indivíduos a eles vinculados, numa clara referência de vinculação (esporte – vida comum). Além de que, obviamente, as ações dos clubes demarcaram o quanto a ligação com o futebol poderia ser diferencial para as pessoas vinculadas.

Uma grande maioria dos clubes, no entanto, mostrou não engajamento nas redes com a pandemia. Talvez porque tais equipes já não tivessem/criassem engajamento, independente do momento vivido. Ou talvez o tivessem e o assunto não os favorecia.

2) publicações compromissadas com divulgação de informação ou publicações aleatórias

No acompanhamento que realizei não havia, nos perfis das equipes, divulgação de informações relacionadas diretamente com a pandemia. Já que não publicavam fotos de treinos ou jogos, os clubes preferiam publicações aleatórias ou #tbts.

O exemplo mais ilustrativo desta tendência é da equipe Unicorns Brazil, que pouco mencionou sobre a pandemia durante a maior parte dos meses (entre 2020 e 2021), fazendo uma série de postagens com jogadores/atletas e suas histórias de vida, sob a *hashtag* #PeopleofUnicorns. Apesar de serem mensagens veladas de apoio, parecia haver um esforço de desvinculação com o que ocorria na vida real. Talvez como salvaguarda, o clube gravou um vídeo, no dia 28 de junho de 2020, contendo uma série de depoimentos de membros, comentando sobre o período de isolamento social e do quanto dura estava sendo a pandemia.

O BeesCats, apesar de se enquadrar na categoria anterior, também pode ser listado aqui, particularmente pelos dois eventos aleatórios, de grande alcance, que planejou: o “Desafio dos Craques” e o “Bees Drag Race”. Numa *live*, organizada pelo Museu do Futebol no dia 10 de outubro de 2020, a drag queen Bárvarah Pah, do time carioca, disse que a iniciativa, além de “engraçada e icônica”, teve por função manter iniciativas de suporte para o “futebol identitário”, de modo que ele não acabasse em meio àquele horror de número de mortos.

Em equipes menores, como o Ball Cat’s de Manaus, que não ostentavam engajamento e não vendiam produtos ou atividades de serviço, a ausência de publicações compromissadas com o momento sanitário talvez seja um hiato, produto do impacto causado pela própria pandemia.¹¹ Outras ainda, que postaram sobre temas aleatórios (como o setembro amarelo, novembro azul, janeiro branco etc.), possivelmente caibam na mesma chave interpretativa. Os Predadores F.C., por sua vez, tentaram preencher o buraco causado pela ausência de jogos postando pequenos vídeos de seus treinos.

11. O Instagram do clube também foi descontinuado entre fins de 2019 (original @ballcats2014), e o outro, que vai de novembro de 2019 até abril de 2023 (@ballcats_oficial).

3) redimensionamentos sobre os conhecimentos da pandemia ou publicação do nada

Nesta categoria se encontram, notadamente, as equipes Futeboys F.C., Afronte F.C., Bárbaros e outras, que se omitiram acerca da pandemia, seja porque não reconheciam ou negavam o fenômeno, seja por não tinham uma frequência ativa de publicações e engajamento em seus perfis sociais. Ou ainda talvez porque não quisessem publicar nada, por algum motivo.

Uma ressalva deve ser feita em relação ao time do Futeboys, que, apesar de não publicarem sobre a pandemia, apareciam em fotos usando máscaras, algo que apenas os clubes que acolheram e lidaram com dados da pandemia faziam.

Neste movimento também estão os famosos “textões”, que é um fenômeno de novas gerações conhecidas como “lacradoras”, que escrevem textos grandes comentando criticamente uma realidade. Algumas equipes se lançaram a publicar “textões” porque eram contra o retorno dos jogos de futebol ainda num momento de insegurança relacionada à contaminação do Covid-19. Tais publicações têm cunho moral e são altamente diligentes (e beligerantes). Anteriormente citei um exemplo destes produzido pela equipe gaúcha Ximangos (figura 8).

Importante dizer que, independentemente da tendência de um ou outro clube, aqui não cabe julgamento de valor. O que tentei fazer foi uma espécie de “etnografia digital” focada especificamente nas redes sociais (e, particularmente, no Instagram), com interesse específico em entender como cada clube tratou de seus futebóis em tempos pandêmicos.

Realizei esse escrutínio durante alguns meses no sentido de transformar minha etnografia presencial em digital, já que eu estava impedido de comparecer nos campeonatos e para ver e falar com os jogadores. As poucas entrevistas remotas foram monotemáticas e muitas vezes nem aconteciam de modo padronizado, seja pela inação do entrevistado, seja porque eu também me encontrava sem tempo no sentido de manter uma conversa de maior duração em frente ao computador. Áudios de comunicação foram mais eficientes (via Whatsapp), particularmente porque podiam ser enviados para serem lidos em outro momento.

Sem dúvidas, o aplicativo Whatsapp se transformou no grande canal de comunicação entre mim e os sujeitos, de modo que muitas vezes nossas discussões iam além do futebol, e falávamos da vida, de nós, de nossas agruras, do mundo, da próxima pandemia, dos sonhos, das realizações impossíveis, de amores apartados ou não correspondidos pelo isolamento socioemocional e até do futuro de suas práticas boleras.

O período pandêmico consolidou outra visão da prática futebolística destes jogadores. Deixo o depoimento do Jogador 3, um dos que mais falou comigo nestes tempos:

Para mim, o futebol virou questão social. Agora sim, né. Entendo que tudo isso que a gente tá vivendo, viveu ou sei lá até quando vai viver, né. E assim, a gente tá aí, na luta, engajado. Eu pelo menos, tô. Entreguei quentinha com a convicção que o futebol fazia algo pelo mundo. Ou eu como jogador, né, de futebol, fiz algo pelas pessoas afetadas, pelas famílias afetadas (...) E o futebol não é mais aquele futebol que eu jogava até 2019. É outro, menos competitivo e mais humano. Menos excludente e mais inclusivo – ou sei lá (*risos*). (Entrevista com J3, 02/02/2021).

O entendimento de que o futebol virou uma “questão social” foi uma das apreensões mais interessantes que encontrei neste processo etnográfico. A pandemia inaugura para algumas destas equipes algo aparentemente inédito, isto é, a possibilidade de que seus futebolistas fossem além da quadra de jogo, servindo a um propósito “social”.

O futebol no Brasil vai além de um simples esporte: ele é uma questão social profundamente entrelaçada com culturas, identidades e dinâmicas relativas às desigualdades existentes. Torço para que esses futebolistas em suas existências consigam desvendar outras dimensões que os atravessam, como a hegemonia do gênero masculino, as transfobias, as tensões raciais e outras discriminações latentes, para que continuem enfrentando a marginalização que lhes é inerente e, com isso, encontrem motivos para se repensarem constantemente.

Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Ciudad: ASPO, 2020.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora, 2012.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/74071/73212>. Acesso em: 11 jan. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolistas no Brasil. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020. p. 589-604.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. e79423, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/bStFmpJKX4kKcjCcyjwxN3w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Futebóis em movimento: sexualidades, subjetividades e tensionamentos no circuito esportivo da Champions LiGay**. Tese (Doutorado). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2024. 233 p. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/20695/WagnerXavier-TESE-final2024.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 out. 2024.

CLELAND, Jamie; DIXON, Kevin; KILVINGTON, Daniel. Investigating the online world. *In: ONLINE Research methods in sport studies*. London/New York: Routledge, 2020. p. 92-112.

DAMATTA, Roberto *et al.* (Org.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p. 4.

GUEDES, Simoni. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1977.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

JESUS, Diego Santos Vieira. ‘Futebol é coisa para mano, mana e mona’? A LiGay Nacional de Futebol Society. **Periódicus**. n. 10, v. 1, 2019. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/26521/17159>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. A eficácia da magia. *In: Etnologia – Antropologia*. Trad. Anna H. Cavalcanti; revisão de trad. Jaime A. Clasen; revisão técnica Antônio Carlos Lima. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 325-328.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020. Disponível em <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821/168729>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n.21, p. 41-65, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 ago. 2024.

NOSTRADAMUS, Michel de. **Centurias**. Trad. Yaité Ledesma. Madrid: Editorial Verbum, 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. São Paulo: Penso Editora, 2014.

PARREIRAS, Carolina. Etnografia e uso de plataformas digitais: Aprendendo com o WhatsApp. **Novos Debates**, v. 10, n. 1, 2024. p. 1-18 Disponível em <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/421/333>. Acesso em: 19 out. 2024.

PARREIRAS, Carolina; PAVESI, Patrícia. Antropologia digital e imaginários etnográficos: Experimentações, dilemas e possibilidades. **Novos Debates**, v. 10, n. 1, 2024. p. 1-9. Disponível em <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/423/335>. Acesso em: 19 out. 2024.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Antropologia em primeira mão**, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1964.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 93-107, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646/11843>. Acesso em: 19 out. 2024.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. **O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023. 381 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/251591/PICH0273-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 ago. 2024.